



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

José Ronaldo Sousa Kizam da Silva

SETOR DE DIVERSÕES, UMA TRISTEZA:
O papel construtivo da mídia no processo de marginalização e decadência do Setor de
Diversões Sul

Brasília
2020

José Ronaldo Sousa Kizam da Silva

SETOR DE DIVERSÕES, UMA TRISTEZA:

**O papel construtivo da mídia no processo de marginalização e decadência do Setor de
Diversões Sul**

Trabalho de conclusão de curso
elaborado como requisito para
obtenção do título de licenciado em
Letras – Língua Portuguesa e
respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca
Cordelia Oliveira da Silva.

Brasília

2020

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar qual papel o jornal *Correio Braziliense*, principal veículo de notícias do Distrito Federal, assumiu no processo de marginalização e de decadência do Setor de Diversões Sul. O conjunto comercial foi estudado como um lugar simbólico estigmatizado por não corresponder às intenções de ocupação manifestadas no seu projeto (REZENDE, 2014), visto que foi idealizado como peça-chave para o êxito do centro urbano de Brasília. Para tanto, aplicou-se os preceitos da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001; PEDRO 1997; WODAK, 2004) e as categorias analíticas do Modelo Tridimensional de Fairclough (2001) para analisar as estratégias discursivas utilizadas na reportagem *Setor de Diversões, uma tristeza* (1976) e ilustrar o papel mediador e construtivo das instituições midiáticas enquanto mediadoras do discurso público e do relato da vida social (THOMPSON, 2011; WODAK, 2004). Os resultados demonstram a criação de estereótipos e a hierarquização de práticas sociais a nível institucional por parte do jornal e o uso de formas discursivas que estabelecem valores hegemônicos e reverberam na formação de espaços marginalizados no imaginário social da população brasiliense.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso crítica. Linguagem. Setor de Diversões Sul.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. PERCURSO TÉORICO.....	6
3. MÉTODOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	11
4. SETOR DE DIVERSÕES, UMA TRISTEZA.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERÊNCIAS.....	21

1. APRESENTAÇÃO

O Setor de Diversões Sul foi planejado por Lúcio Costa (1957) como uma área de concentração de atividades comerciais, adequadas ao convívio e à expansão do centro urbano, com cinemas, teatros, casas de espetáculos, cafés, bares, lojas etc. O que se pressupõe é que esse conjunto, que viria a ser o “Coração da Cidade” (CUNHA, 1969, p. 3), como declarou o urbanista, adquiriria um prestígio unânime entre os brasilienses, o que não aconteceu. Em realidade, a apreensão desse espaço aconteceu de tal maneira que resultou em um estigma de lugar marginal e decadente, contrastante ao que se pretendia para o território disposto para a construção da capital e de seus equipamentos.

O Plano Piloto de Brasília e, por consequência, o Setor de Diversões Sul foram idealizados em uma dupla negativa ao velho Brasil: negavam a sua realidade de subdesenvolvimento e a sua vida urbana (HOLSTON, 1993, p. 32). Estariam, assim, “a salvo de ‘toda essa desordem’”, onde “a vida de todo dia é tranquila” e livres dos problemas que afligem a outras cidades do país (HOLSTON, 1993, p. 34). Sob essa perspectiva, esse centro de diversões replicaria a sofisticação e o caráter cosmopolita da vida urbana das grandes capitais (REZENDE, 2014) e configuraria uma “luminosa e alegre realidade” (KATUCHA, 1964, p. 3), como reiterava a mídia tradicional.

No entanto, em pouco mais de dez anos, os seus frequentadores reafirmaram identidades, valores culturais e práticas sociais contrastantes às que o seu desenho urbanístico tentava instituir. É necessário ressaltar, como coloca Rezende (2014, p. 58), que a abertura e a manutenção de estabelecimentos voltados para o público adulto “passou a atrair um grupo de pessoas, tidos como libertinos, que passariam a compor um importante reduto boêmio e sexual da cidade”. Além disso, críticas quanto à conservação, à sujeira, à violência, à baderna, à ineficiência na gestão da urbanização e à afluência ao local de pivetes, homossexuais, mendigos e prostitutas fizeram dali um verdadeiro “submundo” (SAMPAIO, 1979, p. 4) aos olhos da população brasileira.

Nesta pesquisa, o Setor de Diversões Sul é investigado, primeiramente, como um lugar simbólico, instigante ao imaginário popular e desqualificado por não corresponder às intenções de ocupação e de apropriação manifestadas no seu projeto (REZENDE, 2014). Outros trabalhos se ocuparam em investigá-lo sob uma perspectiva discursiva (e até mesmo textual), no entanto, dado o enfoque e o campo de estudo de seus pesquisadores, há uma clara limitação aos documentos oficiais e ao Relatório do Plano Piloto de Lúcio Costa - um componente

fundamental para a simbologia que cerca a capital, mas que, se associado a outros registros textuais, pode apresentar inúmeras outras possibilidades que ainda parecem inexploradas.

Este trabalho, então, tem como objetivo geral identificar qual papel o jornal *Correio Braziliense*, principal veículo de notícias do Distrito Federal, assumiu no processo de marginalização e de decadência do Setor de Diversões Sul. Para tanto, tem-se como objetivos específicos analisar, recorrendo ao Modelo Tridimensional de Fairclough (2001), aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso Crítica (ADC), as estratégias discursivas utilizadas na matéria *Setor de Diversões, uma tristeza* (1976); ilustrar o papel mediador e construtivo da mídia no discurso público e no relato da vida social (WODAK, 2004) e de que modo as instituições midiáticas estabelecem valores hegemônicos, poder e dominação através do uso de linguagem.

2. PERCURSO TEÓRICO

Para alcançar o quadro teórico do Modelo Tridimensional de Fairclough, apresentado em *Discurso e Mudança Social* (2001), é necessário, antes, especificar em que noções de discurso e dimensões políticas e ideológicas ele se baseia. Quando especificadas, tornam-se mais simples a abordagem e as implicações da análise do discurso como ‘texto’, ‘prática discursiva’ e ‘prática social’ (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89). Em princípio, é bom revelar as suas críticas à linguística autônoma, considerada por ele um modo a-social de estudo, “que não tem nada a dizer sobre a linguagem e o poder e a ideologia” (FAIRCLOUGH, 1989 *apud* PEDRO, 1997, p. 21), quando, na verdade, a linguagem seria um passo determinante para a emancipação das relações de dominação.

Na tradição dos estudos linguísticos, iniciada por Ferdinand de Saussure (1959), ‘discurso’ aparece como uma noção de atividade individual, uso e *performance* de um sistema preexistente de representações de uma língua e de uma sociedade. Há uma oposição entre *langue* (língua) e *parole* (fala), na qual “a implicação da posição saussureana é que qualquer estudo sistemático da língua deve ser um estudo do próprio sistema, da *langue*, e não de seu ‘uso’” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). Contrária à posição dos estruturalistas, está a Sociolinguística, em que o uso da linguagem é sistemático e acessível ao estudo científico: “a língua varia de acordo com a natureza das relações entre os participantes em interações, o tipo de evento social, os propósitos das pessoas na interação, e assim por diante” (DOWNES, 1984 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

Delinear a discordância para com essas duas abordagens de estudos linguísticos estabelece preceitos básicos para a Análise do Discurso Crítica (ADC): assim como no posicionamento estruturalista, reconhece-se a ideia de um sistema social preexistente aos seus falantes, no entanto, a prática discursiva é constitutiva também de maneira criativa (ativa), de modo que os falantes podem imprimir nela significados que reproduzam, fortaleçam ou transformem a sociedade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Quanto ao posicionamento sociolinguista, se para os analistas críticos há ali uma superficialidade no exame das estruturas sociais e até uma certa cumplicidade, há um ponto ainda mais incômodo: a compreensão unilateral entre discurso e sociedade.

Por mais porosa que pareça a noção de discurso como prática linguística e social, “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se por elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93), estruturas que foram elas próprias construídas no discurso. O discurso pode ser caracterizado como as estruturas que subjazem aos eventos, como também os próprios eventos. Isto é, um campo de batalha em que ‘prática discursiva’ e ‘evento’ estão sempre em disputa, onde o único resultado possível é “uma fixidez temporária, parcial e contraditória” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

“É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). A prática discursiva é uma prática social e não uma atividade individual reflexo de variedades situacionais. Não há a compreensão de adequar-se em traje e modos para determinado evento social, mas de possibilidade de autonomia sobre as formas de representação e ação no mundo e sobre outras pessoas, portanto, implicações que o discurso pode adquirir na sociedade e em seus participantes. O discurso é uma das mais diligentes formas de materialização de ideologia, de significação, de constituição e de construção do mundo. Ele contribui em todas as dimensões da estrutura social, que, em devolutiva, o moldam e o restringem (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Fairclough (2001) e Halliday (1978) elencam três aspectos dos efeitos construtivos do discurso ou três principais funções da linguagem: as funções ‘interpessoal’, ‘ideacional’ e ‘textual’. A função interpessoal relaciona-se “aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” e “a como as relações sociais entre os participantes no discurso são representadas e negociadas”, enquanto a ideacional “aos modos pelos quais os textos significam

o mundo e seus processos, entidades e relações”. Já a função textual, diz respeito a como as informações são “selecionadas como ‘tópico’ ou ‘tema’, e como as partes de um texto se ligam a partes precedentes e seguintes do texto, e à situação social ‘fora’ do texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

“A prática social é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99), assim, deve-se manter em perspectiva a pertinência da dimensão textual e da ‘forma’ para este estudo, como se espera de outras abordagens críticas de análise do discurso. Sob essa perspectiva, não há arbitrariedade nos aspectos formais do texto, ao contrário, entende-se que todos eles podem ser “‘investidos’ política e ideologicamente de formas particulares” (FROW, 1985 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 95) e que, em um contexto geral, “os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103).

Fairclough (2001), nesta obra, organiza a análise textual em quatro itens: ‘vocabulário’, ‘gramática’, ‘coesão’ e ‘estrutura textual’, que podem ser imaginados em escala ascendente. (1) vocabulário “trata principalmente das palavras individuais”, com atenção não só aos significados prescritos nos dicionários, mas nas disputas dos sentidos das palavras dentro de lutas mais amplas; (2) gramática, “das palavras combinadas em orações e frases”, no aspecto multifuncional das orações, ao combinarem significados ideacionais, interpessoais e textuais; (3) coesão, “da ligação entre orações e frases”, como as estruturas argumentativas e os esquemas retóricos são elaborados a depender do tipo de discurso e (4) estrutura textual, “das propriedades organizacionais de larga escala nos textos”, seus aspectos superiores de planejamento e arquitetura.

Os textos, nessa perspectiva, são altamente ambivalentes, abertos a múltiplas interpretações e repletos de significados sobrepostos, diversos e até mesmo contraditórios, mas possuem, também, uma materialidade ímpar. Mesmo que de maneira não-consciente, os participantes do discurso trazem para o texto “conjuntos de ‘traços’ do processo de produção ou um conjunto de ‘pistas’ para o processo de interpretação”, que são um eficaz caminho ideológico (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109). Organizações mais sofisticadas, como a mídia e instituições do governo, “produzem textos de forma a antecipar sua distribuição, transformação e consumo, e neles constroem leitores múltiplos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 108), de modo que conseguem reduzir a ambivalência potencial dos textos e antecipar os processos interpretativos do público ao qual se dirigem.

Entre as antagônicas dimensões social e textual, está a ‘prática discursiva’, para a qual Fairclough (2001) distingue outros três itens de análise: ‘força’, ‘coerência’ e ‘intertextualidade’. (5) a força dos enunciados trata dos “tipos de atos de fala por eles constituídos”, do significado interpessoal, da ação social que realizam; (6) a coerência, das partes constituintes do texto com um sentido, da capacidade de inferir sentido de um texto independentemente de coesão explícita e (7) a intertextualidade, da historicidade, “da propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos”.

Elencados os itens de análise da prática discursiva, está posto o “quadro para análise textual que abrange aspectos de sua produção e interpretação como também as propriedades formais dos textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104). A análise da prática discursiva pode até apoiar-se nas mesmas noções da dimensão textual, porque elas, de fato, se fazem necessárias, mas ela está preocupada com os processos produtivos e interpretativos que assumem todo perímetro e área dos textos. Há de se observar as variáveis, contextos e fatores sociais que contribuíram para a criação dos textos, bem como os seus produtores e os processos por eles utilizados (e declarados), considerando três principais processos: ‘produção’, ‘distribuição’ e ‘consumo’ (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106).

Outros dois conceitos vitais para a ADC são ‘ideologia’ e ‘hegemonia’, componentes do discurso como prática social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116). ‘Ideologia’ consiste em um conjunto de “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117) e, ainda, “caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121). Desta forma, ideologia surge como orientação de naturalização ou transformação das práticas sociais, que podem contribuir para a reprodução da sociedade e das relações de dominação ou transformá-las (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Fairclough reconhece a existência material da ideologia nas práticas das instituições, “que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia” (ALTHUSSER, 1971 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 116). Acontece que a produção e a reprodução dessas ideologias nos textos se dão com bastante sutileza, de tal maneira que os leitores se convencem possuidores de certa autonomia, que acaba por ser imaginária (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120). Por isso, a ADC “procura centrar-se na análise das estratégias

discursivas que legitimam o controle, que naturalizam a ordem social e, especialmente, as relações de desigualdade” (FAIRCLOUGH, 1985 *apud* PEDRO, 1997, p. 26).

No contexto histórico e cultural da comunicação de massa, Thompson (1995, p. 248) avalia que as instituições passaram a utilizar deste meio técnico para produzir bens simbólicos em larga escala e a difundi-los de forma generalizada. A mediação de formas simbólicas se deu em diversos momentos da história da humanidade, isto é fato, no entanto, a comunicação de massa instituiu “uma ruptura fundamental entre o produtor e o receptor, de tal modo que os receptores têm relativamente pouca possibilidade de contribuir no curso e no conteúdo do processo de comunicação” (THOMPSON, 1995, p. 288). Abre-se, desta maneira, um precedente para a mercantilização dessas formas de representação e para a institucionalização de valores, crenças e identidades que estabelecem e sustentam relações de dominação (THOMPSON, 1995, p. 299).

Tais movimentações, a encargo sucessivo dos mesmos agentes, contribuem para a formação de espaços marginalizados, como o Setor de Diversões Sul, por exemplo. Nas reportagens sobre o SDS, as identidades e as práticas sociais aí ambientadas estão sob domínio de uma instituição, que tem uma agenda que, por categoria, prioriza o interesse de facções das classes dominantes e age com filtros baseados nos valores estabelecidos por esses grupos sociais. As instituições jornalísticas são dotadas de um grau de poder que lhes dá recursos para tomar decisões e realizar seus interesses e, ainda, incorporá-los ao contexto da vida cotidiana e ao conteúdo simbólico da interação social (THOMPSON, 1995, p. 342).

O conceito de hegemonia, proposto por Gramsci (1971), fornece um modo de teorização harmonioso com o que foi abordado como ‘mudança social’ até aqui, sendo definido como “um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação que assumem formas econômicas, políticas e ideológicas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). A ‘luta hegemônica’ articula e desarticula os elementos que estruturam as relações sociais, dispondo-se sempre para negociação, de equilíbrio, de consentimento e de domínio sobre as diversas camadas da sociedade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123).

Para Gramsci, há “uma concepção de sujeitos estruturados por diversas ideologias implícitas em sua prática que lhes atribui um caráter estranhamente composto” e “uma visão de ‘senso comum’ tanto como repositório dos diversos efeitos de lutas ideológicas passadas, como

alvo constante para a reestruturação nas lutas atuais” (1971, p. 324 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 123). O tratamento da hegemonia auxilia na análise (e, também, na mudança) da prática discursiva, seja como ‘matriz’, apuração da prática e da estrutura social onde se situam o discurso e as hegemonias vigentes, ou como ‘modelo’, de apuração do próprio discurso como dispositivo de luta hegemônica e de transformação das ordens do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126).

3. MÉTODOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

A sistematização dos processos de coleta de dados e de análise desta pesquisa considera os postulados de Bauer, Gaskell e Allum (2008) e, por conseguinte, a combinação de quatro principais dimensões no processo investigativo e qualitativo, para o que eles consideram “uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais” (2008, p. 18). Os pesquisadores distinguem itens de seleção nessas dimensões que, no presente estudo, foram organizados da seguinte forma: ‘estudo de caso’ em princípios de delineamento, ‘coleta de documentos’ em geração de dados, ‘análise de discurso’ em análise de dados e ‘emancipação e empoderamento’ em interesses do conhecimento (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008, p. 19).

Sob o interesse emancipatório da ADC, como é característico às ciências críticas, há a responsabilidade situar os fenômenos investigados em desafio a pressupostos já apresentados e aceitos acriticamente, devendo-se reconhecer as falsas pretensões das instituições midiáticas, quando “dizem representar um grupo social que, na realidade, não representam” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008, p. 21). Os artigos de jornal, segundo os pesquisadores, são textos veiculados em meios formais e produzidos conforme as regras e convenções pré-estabelecidas pela lógica do mercado, muitas vezes utilizadas em proveito da visão de mundo do grupo social de seus compradores.

Para apuração dos dados de análise, utilizou-se o acervo da Hemeroteca Digital, com concentração em textos veiculados pelo CB entre 1960 e 1980 e que tivessem ‘Setor de Diversões Sul’ como palavra-chave. Posteriormente, os registros foram catalogados de acordo com período, tipo textual e grau de relevância para a pesquisa, visto que a coleção de dados disponível é extensa e heterogênea, configurando aparições em notícias, reportagens, artigos de opinião e anúncios. A fim de propiciar uma análise mais precisa dos acontecimentos, foi examinada uma única reportagem sob natureza interpretativa, que tratava diretamente desse

espaço como lugar marginal, apesar de uma quantidade considerável de outras ocorrências que, até mesmo de forma não-consciente, causavam o mesmo efeito.

A matéria *Setor de Diversões, uma tristeza* foi publicada em 31/03/1976 na edição nº 4834 do Correio Braziliense e sintetizada na capa do jornal sob o título *Setor de Diversões tem de tudo. Mas ninguém se diverte.*; em ambas as aparições, não há indicação de autoria. Para tratamento analítico da reportagem, foram aplicadas as categorias do Modelo Tridimensional de Fairclough (2001): vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, na dimensão textual, e força, coerência e intertextualidade, para o delineamento dos processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Além, é claro, dos conceitos de ideologia e hegemonia no âmbito do discurso como prática social e forma de orientação nas lutas sociais e na estruturação da sociedade.

4. SETOR DE DIVERSÕES, UMA TRISTEZA

O título da reportagem, “Setor de Diversões, uma tristeza”, é uma frase declarativa sobre a situação física e de ocupação do Setor de Diversões Sul. Com a disposição dicotômica de significados “diversão” *versus* “tristeza”, o autor declara o seu desapontamento com o estado em que se encontra esse centro comercial, o qual será justificado por uma sequência de registros situacionais usuais no gênero discursivo reportagem.

Conjunto Venâncio, Conic, e o que mais valha: um conjunto de obras perpetuamente inacabadas. Uma série de lojas, cinemas, empresas dos mais variados tipos. E uma imensidão de comércios legais, ilegais, protegidos, semi-protegidos. Numa mescla que é a própria razão de ser da cidade. E isto é o Setor de Diversões Sul.

Para apresentar o Setor de Diversões Sul, o autor nomeia os representativos edifícios Conjunto Venâncio e Centro Comercial CONIC e o amontoado de obras inacabadas que lhes acompanhavam à época. No enunciado “e o que mais valha:”, subentende-se, pelo contexto linguístico, a entonação irônica em antecipação do que seria apresentado como sua estrutura física, como em “e o que mais tenha valor (ainda que forçosamente):”. Assim, o uso de dois pontos antecipa uma oração em função de aposto, para identificar o que vale ser mencionado: qualquer outra estrutura física, finalizada ou não, que ocupasse o território mais privilegiado da cidade.

Das mais duras críticas feitas à governança da capital, sem dúvida, o descaso com a finalização de seu centro urbano foi uma das principais. Por questões burocráticas, imobiliárias e governamentais, as obras foram arrastadas indiscriminadamente por mais de uma década,

reduzindo a construção do que deveria ser o mais importante centro cultural de Brasília à poeira e aos edifícios, “um conjunto de obras perpetuamente inacabadas”. Há um exagero proposital na significação do advérbio “perpetuamente”, em ênfase ao tempo que as obras ocuparam e ainda ocupariam, caso fossem completadas. Nos espaços já em uso, eram oferecidos serviços dos mais variados tipos, dada a clientela heterogênea e a variedade de estabelecimentos ali situados.

O encadeamento de significados em “e uma imensidão de comércio legais, ilegais, protegidos, semi-protegido” guia todo o esquema retórico e o quadro de identidades que será composto no texto. A primeira dupla de adjetivos, “legais” e “ilegais”, separa o comércio em estabelecimentos que estão ou não dentro da legalidade. Mas esse critério de categorização parte, também, de uma perspectiva social, em como essas atividades e esses profissionais são vistos pela sociedade - aqui, os leitores do Correio Braziliense. Que é o eixo lógico da segunda dupla, “protegidos” e “semi-protegidos”, que certifica a validação e a proteção social que têm esses estabelecimentos, seja por direitos trabalhistas, por força policial, por prestígio, enfim, por todo o aparato político, cultural e social que lhes é garantido para manutenção das hegemonias vigentes.

Começa pela mulher da tapioca, acarajés e correlatos refestelada num corredor e que fica surpresa. “Por que a fotografia, seu moço?” “Não é por nada, não minha senhora. Só para mostrar para os leitores do Correio Braziliense como vive o Venâncio e agregados”. E ela serve uma tapioca fresquinha e um acarajé cheio de pimenta. “Venâncio é isto aqui, não seu moço? Cuidado com a pimenta”.

Neste trecho, é apresentado o primeiro sujeito da reportagem: a “mulher da tapioca, acarajé e correlatos”. A sua identidade é elaborada não pelo seu nome e pela sua ocupação, como de costume em discursos jornalísticos, mas pelo tipo de comida que ela vende. São pratos da culinária indígena e africana, do hábito das regiões norte e nordeste, que costumam ser vendidos em barracas improvisadas em locais de grande movimentação, como o próprio SDS. Para ampliar o marco referencial de análise da ideologia, segundo Thompson (1995, p. 127), é fundamental reconhecer que existem relações de poder sistematicamente assimétricas baseadas em fatores diferentes dos de classe, como gênero, origem étnica, raça, religião e grupo cultural.

O repórter, como redator e mediador da interação em questão, é responsável por orquestrar a hierarquização de vozes e selecionar quais informações serão divulgadas, no diálogo com seus entrevistados e no texto. Os indícios de sua aclamação de poder são evidenciados pela situação que envolve os participantes e pela força dos enunciados, na ação

social que salta aos atos de fala. No trecho seguinte à indagação da entrevistada, ele responde-a sem explicitar por qual real motivo estão ali e não julga necessário fazê-lo, atendo-se ao serviço que está sendo prestado, e ação é continuada com “e ela serve uma tapioca fresquinha e um acarajé cheio de pimenta”.

A resposta do autor, “mostrar para os leitores do Correio Braziliense como vive o Venâncio e agregados”, certamente condiz com o objetivo da reportagem, mas com um propósito maior latente: mostrá-los a inadequação dos que ocupam o Setor de Diversões Sul como pertencentes, quando não o são. O vocábulo “agregados” remete à significação do que é inadequado, sem vínculo formal, mas também do que é serviçal, que “vive de favor”. Aqui e no restante do texto, essa inclinação ao estranho para descrever a identidade dos sujeitos garante a provisão dos papéis no jogo da reprodução social e a submissão desses indivíduos.

Tomamos cuidado, que conselho de baiana não é de se jogar de lado. E esbarramos de cara numa loja de conselhos espirituais, umbanda, candomblé. Mal estamos fotografando o anúncio de consultas espirituais e lá sai um pai de santo meio para o furioso. Mas o distinto não nos perguntou de que tratamos? Explicamos que a reportagem é ao natural, “sistema moderno”, para ver o que acontece, inclusive para colher as “broncas naturais do lugar”. “O senhor é uma delas?”. O distinto desmente: muito pelo contrário, o que é homem muito católico, até pouco dado ao candomblé. Só mesmo sua senhora é que se preocupa com essas coisas e ele já vai lá para dentro dar calma a mãe de santo meio preocupada com esses repórteres que ficam imaginando poder flautar pelo Venâncio sem serem pressentidos pelos poderes espirituais.

Em “conselho de baiana não é de se jogar de lado”, o autor retoma o uso dos estereótipos para ratificar a distância da situação descrita da sua realidade social e de seus leitores. O efeito de conselho espiritual em cima de uma situação cotidiana, que não apresenta nenhum resquício de ligação com qualquer tipo de superstição, reforça a criação de um ambiente e de personagens de natureza mítica. É o que traz a apresentação do segundo sujeito da reportagem, encontrado em uma loja de conselhos espirituais, umbanda, candomblé, referido como “um pai de santo meio para o furioso” e, posteriormente, como “distinto”. O vocábulo é utilizado, daí em diante, de forma irônica, para referenciar o indivíduo e tratá-lo como diferente.

Com a pergunta “mas o distinto não nos perguntou de que tratamos?”, o autor estabelece um canal de comunicação direto com os seus interlocutores, antecipando a reação que teriam ao ler o trecho anterior, que mostrava a indignação do pai de santo. Esse recurso familiariza os consumidores do jornal e também os aproxima do argumento que está sendo levantado. Já o entrevistado, é colocado no enquadre oposto. Após a descrição do modelo de reportagem, que

acontece na situação *in loco*, “inclusive para colher as broncas naturais do lugar”, a pergunta “o senhor é uma delas?” o interpela a ser tratado com complacência a depender de sua resposta.

O segundo sujeito, descrito equivocadamente como um pai de santo, é, na verdade, um homem católico (ou apresenta-se assim pelo enquadre da reportagem) que acompanha a sua esposa em atividades voltadas para o candomblé. Com ela, “a mãe de santo meio preocupada com esses repórteres que ficam imaginando poder flautar pelo Venâncio sem serem pressentidos pelos poderes espirituais”, se persiste na ideia de conexão com o “mundo do além”, através de guias espirituais, sabedorias antigas, conselhos etc. Na primeira coluna do texto, as identidades sociais dos sujeitos são estabelecidas com inclinação ao estranho e ao exótico, conformadas em uma ligação ao sagrado na cosmologia das religiões de matriz africana.

Acalmado o mundo do além, passamos a tratar do mundo da terra, ou mais precisamente, dos restaurantes e bares.

Há um mundo deles, e sua especialidade é o tira-gosto, a cachaça e a cerveja. O tira-gosto não tanto por ser uma especiaria para o estômago, mas um engodo com o fígado. Qualquer botiquineiro sabe que o fígado paga muito melhor que o estômago, principalmente quando o álcool sobe à cabeça. E o problema, então, é ganhar dinheiro no tira gosto.

E como ganham dinheiro! Há botecos de tudo quanto é tipo, de tudo quanto é jeito. Depois de nos fartarmos de ver como é que se faz cachaça com qualquer coisa misturada e as mil maneiras de garantir que uma cerveja está bem gelada, preferimos descer ao subsolo. O lugar onde o Venâncio, o Conic e correlatos vão ter, um dia, uma garagem.

O trecho “Acalmado o mundo do além, passamos a tratar do mundo da terra”, estabelece, simultaneamente, mudanças no tópico e nas propriedades organizacionais do texto. A aplicação desta oração dá as condições necessárias para a cisão do tema e do universo social que se apresentava, para uma outra face do Setor de Diversões Sul, a do “mundo da terra”, isto é, dos bares e restaurantes. Dois procedimentos textuais complementando-se: a estrutura, com a divisão de temáticas e de “universos” por coluna, e a coesão, com a lógica em que a mensagem e os elementos do texto são organizados para persuadir o leitor.

No primeiro parágrafo, a sentença “Há um mundo deles” é utilizada novamente para situar o leitor nesta mudança de perspectiva e, também, para fazer alusão à variedade de estabelecimentos instalados no SDS, de diferentes propostas, posições, aspectos, “de tudo quanto é tipo, de tudo quanto é jeito”. Ainda na década de 70, queixava-se de que Brasília, sem praia e sem futebol, não oferecia condições de lazer para os seus moradores nos fins de semana, principalmente para aqueles que não tinham uma situação financeira favorável. Restavam os bares, que se espalharam por toda a cidade e se fizeram o principal programa do grande público aos sábados e domingos.

Embora o autor descreva o SDS como um cenário boêmio e até mesmo com aspectos de associação à malandragem, ele não silencia as demandas de seus locatários. Precisamente porque esse enunciado e esse espaço, “o lugar onde o Venâncio, o Conic e correlatos vão ter, um dia, uma garagem”, são dedicados aos comerciantes que colaboram com a lógica de mercado e, por isso, merecem que suas demandas sejam divulgadas e atendidas. Em contraposição a “Venâncio e agregados”, sujeito composto empregado como forma de referência aos locatários e ambulantes da primeira coluna, há uma reformulação para “Venâncio, o Conic e correlatos”, que expressa relação e vínculo formal.

E lá encontramos seu Gonçalo e dona Conceição.

Seu Gonçalo e dona Conceição são um tipo de mão de obra muito especial. E também muito desconfiado.

Maria José, filha de dona Conceição, ficou uma fera com a reportagem:

- Mãe, o que é que eles querem?

- Nada, menina. Apenas mostrar como se vive no Venâncio e agregados.

- Sei lá se isso é bom ou mau.

Foi um custo mostrar que não estávamos para fazer mal a ninguém. E então dona Conceição e seu Gonçalo nos contaram como estão no barraco de madeira no fundo daquela imensidão de concreto.

Ambos são donos de cantina de obras. As obras em que seu Gonçalo está metido duram quatro anos, e ele vive lá há dois anos e meio. Dona Conceição está há um pouco menos tempo. Na verdade, o pessoal de obras é pouco. E então, para compensar, eles servem comida também para gente de fora das obras. São outro tipo de restaurante, no subsolo, de folhas de madeira.

Ainda no subsolo, são introduzidos os sujeitos “seu Gonçalo” e “dona Conceição”, com o uso de formas de tratamento seguidos de nome próprio, indicando gênero, idade e determinado nível de respeito. O emprego dos pronomes demonstra uma preocupação, não só em nomear e caracterizar esses indivíduos, mas em compor uma imagem positiva sobre os aspectos interpessoais da situação, entre os participantes da ação e para os leitores do texto. A caracterização cuidadosa é continuada com o predicado nominal “são um tipo de obra muito especial” e “também muito desconfiado”, contrastando com a produzida anteriormente para identificar o casal formado por um “um pai de santo meio para o furioso” e “sua senhora”, uma “mãe de santo meio preocupada”.

Em seguida, o autor dá início à composição de outra potente forma simbólica: duas pessoas de idade avançada exercendo suas funções profissionais em condições improvisadas, material e legalmente, oprimidas pelas condições de trabalho e da cidade. Assim, com a frase “E então dona Conceição e seu Gonçalo nos contaram como estão no barraco de madeira no fundo daquela imensidão de concreto”, o SDS é descrito, pela primeira vez, com aspecto glorioso e opressivo, e esses trabalhadores, ainda que em condições humildes, se veem na posição de sustentar essa máquina de construção, que é a fonte de seu próprio sustento.

Há, claramente, uma movimentação no texto para humanizar esses dois indivíduos, em posições que podem ser benquistas pelos leitores do CB, como demonstra a descrição de suas características, trajetórias, condições e modos de trabalho. Além disso, diálogos e discursos diretos são sinalizados com o uso de travessão. A segunda coluna do texto tem como tópico os serviços de alimentação do SDS e as condições de trabalho que o centro comercial dispõe. Apesar de parte desses estabelecimentos terem condições impróprias de trabalho e até mesmo ilegais, desfrutam da proteção da opinião pública e são julgados como trabalhadores respeitosos.

Outro comércio existente é o dos artífices, Um deles, logo à entrada, diz que vem da Argentina e vai para Belém. Outro, vem de Recife e não sabe para onde vai. O que fazem? Pulseiras, berloques. Ganham em média cem cruzeiros por dia. Em compensação, vivem ao contato humano, em perpétua locomoção. E não são benvistos pelo “rapa”. O rapa, segundo a loja de artesanato do Venâncio, existe justamente para dar jeito nesses “hippies” que vivem viajando e vendendo artesanato de um local para outro. Artesanato bom, segundo a loja mantida pela Fundação Educacional, é só de “hippies” cadastrados, que vendem na Torre de Televisão e moram em Brasília, ou de outros, melhor situados que vendem diretamente às lojas da Fundação. De onde já se vê que “hippies” também têm classe social.

O início da terceira coluna é guiado por um outro tipo de comércio, o dos artífices, produtores de trabalhos manuais, como pulseiras e berloques. O perfil dos artesãos ali presentes é traçado em referência às características do movimento *hippie*, antes mesmo do termo ser introduzido no texto. Para isso, o autor traz particularidades já disseminadas em senso comum, como o estilo de vida itinerante, de “perpétua locomoção” e de “contato humano”, opositor ao materialismo e aos modos tradicionais de consumo e da sociedade. A ideia de grupo (e diferença) cultural é reiterada com as propriedades de indefinição dos pronomes e de flexão dos verbos na terceira pessoa do plural.

O autor deixa a descrição do “rapa”, nome popular do instrumento de fiscalização de ambulantes, a encargo da “loja de artesanato do Venâncio” e da “loja mantida pela Fundação Educacional”. Não é apresentado o perfil de nenhum dos artesãos informais e nenhum registro de fala deles, mas a perspectiva de seus concorrentes, em situação de legalidade. Os sujeitos são os próprios estabelecimentos, alinhados à ordem governamental e capazes de ditar o que é ou não uma boa produção artesanal. Esse mecanismo isenta o autor de demonstrar a sua opinião e causa uma falsa impressão de imparcialidade, quando, na realidade, estão sendo assegurados recursos discursivos desproporcionais que exemplificam a provisão de relações de dominação.

O Venâncio é uma obra incompleta. Mas um vendedor de livros, meio filósofo, observa que as pirâmides também o foram, e toda galeria em qualquer metrópole, quando termina de ser construída

geralmente é caso de polícia. Haja visto a Guatapará e outras em São Paulo... Mas, todos no Venâncio, tem queixas da frequência, dos corredores inacabados, do tráfego de mulheres e até de maconha em alguns lugares. Isso dá a galeria um ar cosmopolita, que ninguém sabe dizer se é um bem ou um mal. Todavia, todos comerciam no meio desse ambiente, com lojas sendo perpetuamente desfeitas, com os aluguéis sempre perdendo valor e com as fachadas para o Eixo sempre modificadas por mármore para recuperar o valor.

A polissemia do vocábulo “obra” é explorada para tratar do espaço físico em questão como uma obra de construção civil, em seu sentido denotativo, e como uma obra de arte, em uma saída metafórica para integrar o entrevistado, um “vendedor de livros, meio filósofo”, na reportagem. O livreiro compara a incompletude do SDS às pirâmides, tipo de construção singular e de proporções inalcançáveis para um projeto que sequer foi concretizado como demandava seu plano inicial, mas que é o mais próximo que Brasília tem a oferecer em termos de construtos simbólicos e de promessa de grandiosidade. Ademais, é posta uma outra máxima impeditiva: não haveria outro destino possível para uma construção dessa magnitude no Brasil sem que houvesse crimes de corrupção e desvio de verba pública, já que “toda galeria em qualquer metrópole, quando termina de ser construída geralmente é caso de polícia”.

Nos trechos seguintes, os pronomes “todos” e “ninguém” expressam indefinição e preterição quanto às identidades dos sujeitos e às suas respectivas posições no ambiente e posicionamentos sobre o tópico da reportagem. Apesar da disposição do vendedor entrevistado em encontrar beleza nas vias de uma grandiosidade subversiva, o autor afirma que todos os comerciantes, ainda que mantenham seus comércios em atividade, têm queixas às condições de manutenção, limpeza e frequência do Setor de Diversões Sul. O substantivo “queixa” é empregado na conotação de lamentação, de uma denúncia não ouvida. Ainda assim, toda essa incongruência, “um ar cosmopolita, que ninguém sabe dizer se é um bem ou um mal”, assume tal posição no imaginário popular a ponto de se tornar uma realidade sem possibilidade de mudança.

Nesse ambiente, era dado suporte aos trabalhadores da região e, nos subsolos, ao cair da noite, se iniciavam atividades voltadas ao entretenimento adulto, boêmio e sexual. A instalação desse comércio “adulto” foi favorecida pela disposição do espaço em galerias, com becos e vielas, pela subutilização das lojas e pela proximidade de pontos tradicionais de prostituição em setores vizinhos (REZENDE, 2014). No último complemento, “tráfego de mulheres e até de maconha em alguns lugares”, a palavra “tráfego” é usada em acepção a fluxo de mercadoria, articulando tráfico de drogas e prostituição feminina como equivalentes. Essa equivalência, no entanto, logo é minada pela surpresa e pelo cúmulo ao uso e venda de maconha, visto o emprego

do advérbio “até”, destoante à normalidade com que se mostra o autor em relação à prostituição no local.

Entre a decadência do inacabado e a construção daquilo que jamais parece ter fim, fica uma dúvida do brasiliense. Não importa: de qualquer maneira há inúmeras restrições, inúmeras dificuldades, inúmeros lados negativos. Durante o dia, o conjunto tem o aspecto da babel que nunca será construída.

Em “entre a decadência do inacabado e a construção daquilo que jamais parece ter fim”, há, novamente, uma referência ao estado da estrutura física detalhada no início do texto e ao distanciamento da situação atual do projeto urbanístico de Lúcio Costa. Os espaços em uso já se encontravam em decadência e em constante renovação; o que poderia ser e se aproximar do plano original, nunca será construído. O emprego da forma contraída particularizante “do”, preposição mais artigo, em “uma dúvida do brasiliense” unifica os vários moradores da cidade em uma identidade singular, possuidora dos equipamentos da capital e relevante na equação de formulação da reportagem. Há a especulação de uma dúvida comum entre a população brasiliense, que, vez ou outra, reflete sobre o que poderia ser esse centro comercial, finalizado como lhe é e foi possível.

A ideia de um problema a ser resolvido não é mencionada concretamente ou resumida em uma única passagem do texto. É detalhada por uma série de registros situacionais possíveis no gênero escolhido pelo repórter, para alcançar uma leitura, uma interpretação comum capaz de entoar uma incógnita coletiva: há salvação para o Setor de Diversões Sul? Ainda que houvesse, o autor reitera que são muitos os impeditivos para a resolução dessa situação, nunca mensurada em alto e bom som. A ideia de um problema falido é alargada textualmente com a repetição do adjetivo “inúmeras” antes de cada substantivo, visto que, pelas convenções formais, ele poderia ser omitido nas demais ocorrências. É uma repetição proposital e enfática.

No encerramento do texto, é feita uma referência ao Mito da Torre de Babel, interpretado em contexto semelhante por Freitag em *Utopias Urbanas* (2002). A socióloga reconta a passagem bíblica do livro de Gênesis (11,1-9) em que os homens se puseram a construir uma cidade e, nela, uma torre tão alta que alcançaria aos céus. Deus, ao presenciar tamanho orgulho e arrogância, resolveu puni-los confundindo-lhes a língua: a incompreensão fez com que abandonassem a construção e se dispersassem sobre a face da terra. No caso da reportagem, o recurso da intertextualidade evoca os sentidos fundados no mito e rememora as instituições internalizadas no imaginário social, passíveis de naturalização ou mudança e baseadas em dois pilares comuns: a cidade e a linguagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É unânime aos que se dedicaram a estudar sobre a construção de Brasília que o seu projeto é de vasta simbologia e de uma dimensão utópica robusta. Lúcio Costa destinou o território mais privilegiado da região para a construção do seu centro de diversões, como forma de lhe conferir a vitalidade urbana desejada. A implementação do Setor de Diversões Sul trazia a promessa que Brasília passaria a ser possuidora de um espírito, um coração pulsante, assim como o Rio de Janeiro e as grandes capitais mundo afora (REZENDE, 2014). Os chavões da construção do coração da cidade estavam por todos os lados e o Correio Braziliense mantinha-se como um de seus principais apoiadores, em função, justamente, de veicular informações que contribuíssem para o êxito da instalação da nova capital.

Em poucos anos, a concretização do conjunto comercial e o fluxo de identidades e de práticas ali ambientadas sucederam de maneira oposta ao que vendia o projeto do Plano Piloto e em toda a propaganda que lhe acompanhava. Parte-se desse pressuposto na matéria analisada, em que o autor utiliza uma técnica análoga a métodos obsoletos da etnografia, com vícios e digressões estereotipadas de alguém que desbrava terras desconhecidas e relata a cultura de uma nova tribo para os seus iguais. As formas discursivas, o conteúdo e a distribuição têm inclinação a interesses discriminatórios e dominadores, funcionando como um instrumento de reivindicação de um espaço desqualificado por não corresponder às intenções de ocupação e de apropriação manifestadas no seu plano inicial.

Na reportagem, é possível averiguar investimento político e ideológico nos termos empregados (vocabulário) para referenciar as identidades e as relações sociais descritas, como na variação no uso das palavras “agregados” e “correlatos” a depender do prestígio social de seus referentes. Outro exemplo são os índices de indefinição dos pronomes “todos” e “ninguém” para tratar dos frequentadores do centro comercial, enquanto “brasiliense”, precedido de artigo definido, marca social e gramaticalmente a identidade dos leitores do jornal. No nível constituinte das sentenças (gramática), as funções discursivas são articuladas de modo a orquestrar a hierarquização de vozes, seja para preteri-las ou certificá-las, quando convém ao autor demonstrar afinidade aos participantes da interação ou aos leitores do texto.

Os aspectos superiores de planejamento do texto (estrutura textual) ordenam temáticas, tópicos e “universos” por colunas de forma condizente com a posição retratada dos espaços, estabelecimentos e sujeitos na situação extralinguística. As organizações midiáticas de mais

sofisticação dependem, para um processo interpretativo eficaz, de pistas de coerência e rastros de um caminho ideológico pautado no público ao qual se dirigem. Neste caso, o principal objetivo é mostrar aos leitores do Correio Braziliense em que situação se encontra o Setor de Diversões Sul e quem são seus frequentadores, com efeito catalisador ou motivador de uma interpretação capaz de propiciar um desapontamento unificado, ainda que por parte de muitos. Para isso, as estruturas argumentativas e os sentidos dos esquemas retóricos (coesão e coerência) são elaborados a partir de registros situacionais com inclinação ao exótico, ao conflito e à diferença sociocultural.

No âmbito da prática discursiva, a ação social dos enunciados (força) reitera as posições interpessoais cristalizadas na estrutura social, dispondo os sujeitos da reportagem em um enquadre de preterição e, do lado oposto, os leitores, a quem se busca tratar com familiaridade. As formas discursivas são manuseadas, também, em referência a outros textos (intertextualidade) e a movimentações políticas, sociais e culturais, que aconteceram dentro e fora da estrutura física do Setor de Diversões Sul, veiculadas em outras matérias do jornal. O alcance e os recursos da mídia fornecem uma forma institucionalizada de circular códigos e normas culturais, baseadas em práticas enraizadas em estruturas materiais e concretas, capazes de reverberar no desenvolvimento de espaços marginalizados, como o que aqui está sendo tratado.

Como prática social, os conceitos de ideologia e hegemonia auxiliam no tratamento do discurso como participante na construção do mundo e na articulação de dispositivos passíveis de negociação, equilíbrio, consentimento e domínio nas diversas camadas da vida em sociedade. Os modos de representação de entidades, identidades e relações sociais podem ser mercantilizados pelas instituições midiáticas com base em valores, crenças e interesses que priorizam a marginalização de determinados *habitats* sociais dentro das cidades, prevendo apenas beneficiar a visão de mundo de seus consumidores e investidores. A mídia demonstra, no caso do Setor de Diversões, ter um papel fundamental na qualificação das relações que se desenvolveram nesse espaço e a capacidade de ressoar essa valoração no nível das massas e na formação do discurso público e do imaginário social da população brasiliense.

6. REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. (7. ed). Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-35.

CORREIO BRAZILIENSE. SDS: imagem feia de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 5455, p. 11. 30 dez. 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/98352>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Setor de Diversões tem de tudo. Mas ninguém se diverte. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 4834, p. 1. 31 mar. 1976. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/72767>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Setor de Diversões, uma tristeza. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 4834, p. 15. 31 mar. 1976. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/72767>. Acesso em: 15 dez. 2020.

COSTA, Lúcio. Relatório. 1957. In: GDF. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1991. p. 18-34.

CUNHA, Ari. Visto, lido e ouvido. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 3022, p. 3. 19 out. 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/45557>. Acesso em: 15 dez. 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 89-131.

FREITAG, Barbara. Utopias urbanas. In: **Cidade dos Homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 173-191.

HOLSTON, James. O Mito do Concreto. In: **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-36.

KATUCHA. Sociais de Brasília. **Correio Braziliense**. Brasília, caderno 2, n. 1191, p. 3. 08 ago. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/15276>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PEDRO, Emília Ribeiro. Análise Crítica do Discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 19-46.

REZENDE, Rogério. **Centro de Brasília : projeto e reconfiguração : o caso do Setor de Diversões Sul - Conic**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Teoria e História em Arquitetura, 2014.

SAMPAIO, Kleber. Segurança fundamental. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 5837, p. 4. 23 jan. 1979. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/116184>. Acesso em: 15 dez. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. (9. ed). Petrópolis: Vozes, 2011.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**. Santa Catarina, v. 4, n.esp, p. 223-243. 2004.